



“Sexo-gênero-sexualidade não é uma sequência garantida”

Por *Ricardo Prado*

Primeiro vieram os estudos sobre mulheres e educação na vida da professora Guacira Lopes Louro, professora titular aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Eram meados dos anos 1980, uma época em que estudar as diferenças de oportunidades e acesso à educação entre homens e mulheres nem sequer recebia a classificação de “questões de gênero”. Nesta entrevista, concedida à revista *Veras* em dezembro de 2022, ela dá nome à responsável por trazer para o mundo dos estudos acadêmicos esse conceito como categoria de análise, relata como o interesse pela



temática a levaria aos estudos de Michel Foucault sobre a sexualidade e como, aos poucos, foi se aproximando do movimento *queer*, especialmente após conhecer a obra de Judith Butler. E de se dar conta que as livrarias em Nova York estavam abarrotadas de estudos sobre gênero, sexualidade não binária e a zona cinzenta de transição entre o masculino e o feminino frequentada por muitos integrantes do movimento *queer*, que ganhou visibilidade nos últimos anos.

Publicando artigos e livros sobre essa temática emergente (como *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer* – Editora Autêntica, 2004), participando ativamente de um grupo de estudos criado por ela e seus alunos de pós-graduação (GEERGE: Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero) ou refletindo como o cinema pode ser uma ótima oportunidade para levar esse debate para o ambiente escolar, Guacira Lopes Louro tem muitas contribuições a dar a professores e professoras que percebem que falar de sexualidade na escola está muito além de explicar o funcionamento do aparelho reprodutor. Para ela, a principal contribuição do movimento *queer* é chamar atenção para o fato de que não há segurança de que todo sujeito do sexo masculino se aproximará de alguém do sexo feminino. “Podem acontecer outras caminhadas. Não é que a teoria *queer* está pregando, ou ensinando, que o sujeito pode escolher o sexo que quiser. Ela está só demonstrando que as formas de viver na sociedade são muitas e que o que nós tínhamos como garantido não é tão garantido assim”, observa nesta entrevista, que, além de propiciar uma bela introdução a um tema cercado de muita polêmica, oferece subsídios e incentiva quem queira se aprofundar mais nos estudos, apontando alguns autores importantes e, de quebra, elencando filmes que levam essa discussão para além dos estudos acadêmicos.

Como surgiu seu interesse e, a partir dele, suas pesquisas sobre a questão de gênero na educação?

Eu me formei em História e fiz concurso para dar aulas de História da Educação na UFRGS, no curso de Pedagogia, que era composto praticamente só por mulheres. E essas estudantes me questionavam, e eu mesma me questionava, sobre a ausência de mulheres na história da nossa educação. No máximo, havia uma nota de rodapé, e eu comentava com as meninas que nessa época foi assim mesmo. Quando decidi



fazer um doutorado na Unicamp [*Universidade Estadual de Campinas*], eu quis, como, como quase todo mundo que se mete a escrever uma tese quer, de início, fazer uma coisa grandiosa: eu pretendia estudar a história da educação de mulheres no Rio Grande do Sul. Conversando com o meu orientador, que foi o Dermeval Saviani, ele me sugeriu fazer algo mais restrito, em termos de abrangência, mas com mais potência. Então, decidi estudar uma só escola de formação feminina, o Instituto de Educação de Porto Alegre, onde estudei toda a vida, desde o jardim da infância até a escola normal. Na realidade, quando fui fazer essa tese, era praticamente uma revisão da minha própria formação.

Veras: *E como foi essa formação no Instituto de Educação?*

O Instituto de Educação era uma escola pública padrão na época, e não tinha nenhuma restrição à entrada de rapazes; mas, efetivamente, era uma escola de meninas. A escola básica era mista, depois no ginásio se tornava feminina e havia o curso normal no segundo grau. Praticamente só havia mulheres. Então, a motivação para escolher esse tema, que acabou sendo o título da tese [*“Prendas e anti-prendas: uma história da educação feminina”*], teve um tanto de pessoal. Era eu me lembrando da minha própria escola. Trabalhei com alguns recursos de história documental, mas acabou que a parte mais vibrante e interessante da tese foi quando eu fiz um pouco de história oral e fui conversar com ex-estudantes e ex-professoras da escola. Naquela época eu não me permitia usar minhas próprias memórias. Claro que elas de algum modo conduziam a minha argumentação, o meu questionamento, mas eu ainda tinha aquela visão da pesquisa como algo mais distanciado da pessoa que investiga. Então, a motivação básica que me moveu nesse estudo era a carência de informações sobre a educação de meninas, provocada pelas estudantes, e foi assim que fui estudar esse tema na Unicamp.

E o papel do Grupo de Trabalho de História da Educação da Anped [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação], qual foi nesse processo acadêmico?

Eu comecei a participar desse GT da Anped quando estava no doutorado, e encontrei ali algumas colegas que tinham interesse nas questões de mulheres. Mas não havia nada muito definido nessa época. Talvez (eu não tenho certeza sobre isso)



o primeiro trabalho especificamente sobre história da educação da mulher tenha sido a minha tese, e que eu fiz como forma de trabalho para apresentar na Anped.

Em que ano foi isso?

A tese eu defendi em 1986. A minha participação na Anped deve ter se iniciado em 1987, 88, por aí. Então, identificamos, nessa época, um grupo dentro do GT de História da Educação interessado em estudar a participação das mulheres. E começaram a surgir, endereçadas a pessoas desse grupo, diversos artigos que abordavam o tema das mulheres, mas que não necessariamente eram de História da Educação; falavam, por exemplo, de formação de professores. Isso nos levou a perceber que havia algumas questões muito específicas, teóricas mesmo, de educação de mulheres, relacionadas ao feminino, o que acabou nos levando a constituir um grupo na Anped, que é o GT Sexualidade e Educação.

A criação do GEERGE, que se tornou um marco na história das relações de gênero na educação, como se deu?

Finalizado o doutorado na Unicamp, regressei a Porto Alegre e comecei a dar aulas no Programa de Pós-graduação da UFRGS, onde eu já era professora de História da Educação. Esse programa tinha uma estrutura (tem até hoje) muito aberta, sendo possível aos professores propor seminários e linhas de trabalho voltadas às suas pesquisas. Era um momento de transformação, não havia disciplinas obrigatórias, e havia a possibilidade de propor muita coisa nova. Era um curso em que a participação dos estudantes era muito grande, havia novos docentes, e foi nesse ambiente que fui estimulada por um colega (e que se tornaria meu companheiro) a oferecer cursos mais próximos do que eu havia estudado no doutorado, porque às vezes me cabia lecionar disciplinas como História da Educação na Grécia Antiga. Então, comecei a oferecer alguns seminários e cursos, como “Mulher e Educação”, “História da Mulher na Educação”... Naquela época, em torno de 1986, eu nem conhecia o conceito de gênero. Fui conhecer o conceito de gênero por meio daquele artigo clássico da Joan Scott, chamado “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, no próprio GEERGE, um pouco depois. Nesses seminários a presença majoritária era de mulheres, havia um ou outro rapaz. E eu percebi que era preciso muito cuidado para que esses



seminários não se tornassem uma espécie de reunião de grupo de conscientização, de ficar só apresentando suas próprias histórias. Eu percebi que esse aspecto é importante, mas que era indispensável que houvesse um aprofundamento, uma fundamentação teórica. A princípio usei o material de pesquisa trabalhado na minha tese, mas rapidamente me dei conta de que precisava estudar mais. Aquele pessoal que estava mais interessado começou a se reunir espontaneamente, eu e um grupo de alunos, e começamos um grupo de estudos. E esse grupo de estudos se tornou o GEERGE, em 1990, formado por um grupo de oito ou dez estudantes e eu. Depois caminhamos para uma estruturação maior. E o grupo existe até hoje. Em 2020 fizemos 30 anos de existência. Nessa época havia um ambiente bem propício para o estudo dos pós-estruturalistas, e fomos estudar Foucault.

Além do Foucault, a Sra. citou a Joan Scott. Como foi o seu contato com esses autores?

A Unicamp, onde eu fiz meu doutorado, tinha uma forte visão marxista, e a minha pesquisa é dentro da perspectiva materialista-dialética. Dentro dessa perspectiva, a ideia é que sempre há a contradição fundamental, que é a contradição de classes. E, dentro desse contexto, a dominação homem-mulher é considerada uma questão secundária. Era preciso encontrar autores que me dessem algum embasamento, mas, a princípio, ainda estava muito preocupada em encontrar coerência nesses novos autores com o arcabouço marxista. Foi quando me chegou às mãos o artigo de Joan Scott, que é uma historiadora norte-americana que também tem formação marxista. Esse artigo, “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, é fundamental para todas as pessoas que buscam trabalhar com gênero. Cada vez que o leio encontro coisas novas nele. Com a Joan Scott começa a haver um deslocamento dessa corrente marxista e somos apresentados a uma nova concepção de poder, através de Foucault. Eu me aproximei de Foucault por conta da Joan Scott. A Joan Scott vai usar Foucault para falar em redes de poder, vai chamar atenção para o fato de que onde existe poder existe resistência, vai falar da cumplicidade etc. Então, achei fundamental estudar Foucault, e acho que muitas estudiosas do feminismo concordariam comigo, porque ele é muito bom para se compreenderem várias relações de poder, como a relação masculino-feminina. Nessa relação (como



em outras) há um jogo de poder, é uma relação que envolve cumplicidade, na qual muitas vezes quem está sofrendo dominação ou sofrendo poder também o exercita. A concepção de poder de Foucault parecia muito mais fértil e, aos poucos, nós do GEERGE, como grupo, fomos nos aproximando de alguns autores e autoras pós-estruturalistas.

Antes de passarmos para os pós-estruturalistas, sobre o Foucault, para uma leitura inicial de sua obra, o que você recomendaria?

História da Sexualidade é muito importante e interessante, além de *Vigiar e punir*, especialmente para quem trabalha com educação. E, vale dizer, não acho Foucault um autor difícil, ele convida a pensar junto, te faz te aproximar de uma ideia. E as suas aproximações são mais tentativas, ele não fecha questões. Acho que é um autor que tem um texto que te convida a pensar. Eu gosto muito de “Sujeito e poder”, que é um artigo disponível na internet. Mas, em relação às questões da sexualidade, em *História da Sexualidade*, no primeiro volume, é onde dá pra entender melhor a noção de poder defendida por ele.

Voltando aos outros autores...

Nessa caminhada teórica, costumo contar uma história que é uma coisa muito visual e física. Fiz uma viagem a Nova York e estava numa livraria perto da Columbia University e fui olhar se havia algum livro que me interessasse sobre a questão de gênero. Foi quando me deparei com uma sala repleta de livros só sobre gênero. Foi uma coisa muito concreta essa, de ver fisicamente o quão importante eram essas questões de gênero nos Estados Unidos e na Europa. Depois disso, em outra livraria, essa perto da New York University, fui até a área no fundo reservada aos livros que estavam na bibliografia das disciplinas oferecidas naquele ano letivo para diversos cursos. E lá, meio que por acaso (ou por instinto), peguei um livro da Judith Butler, *Gender trouble*, e a capa me chamou a atenção porque eram duas crianças de saia. Eu comprei o livro, comecei a ler, achei muito difícil, porque a Butler, ao contrário do Foucault, é difícil, mas também fascinante. A partir dessa primeira aproximação, quando eu traduzia precariamente o livro para poder estudar, e, a seguir, lendo mais artigos, foi que conheci a expressão *queer*. Nem mesmo Judith Butler utilizava essa expressão, mas, à medida que a teoria vai se construindo, seu nome se torna



fundamental. *Gender trouble* tem uma tradução em português, está traduzido com o nome de *Problemas de gênero*, mas acho que esse é um livro que vale a pena tentar ler em inglês. E a Butler continua trabalhando com outros temas que não são só de gênero. Mas, já que você está me perguntando sobre bibliografia, há um livro publicado pela Editora Autêntica, de autoria de Sara Salih, que eu traduzi, chamado *Judith Butler e a teoria queer* em que cada capítulo trata de um dos livros (e conceitos) de Butler, e que pode ser uma boa entrada no trabalho dela.

Como o conceito de queer poderia ser traduzido, e como ele chega ao Brasil?

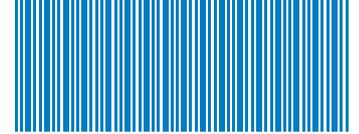
Não saberia dizer como esse conceito chegou, vários grupos e pessoas estão discutindo essa ideia. Sei que, na área da educação, eu fiz um texto que procurava apresentar o conceito de *queer* para o campo da Educação [*Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação/Revista Estudos Feministas, ano 9, vol. 2, 2001*]. A expressão *queer* numa tradução mais direta seria entendida como estranho, esquisito, excêntrico. E também foi, e ainda é, usada como uma expressão pejorativa, para nomear qualquer sujeito não heterossexual. No sentido mais estrito ela funcionou como uma espécie de “termo guarda-chuva” para gays, lésbicas, travestis, transgêneros; para todo sujeito que não fosse heterossexual. Ocorre que há uma potência nessa palavra, uma possibilidade de se pensar muito mais profundamente sobre isso, e pensar *queer* como tudo que é levado ao estranhamento, a algo que está em trânsito, entre lugares. Então, a ideia do movimento *queer*, e dos sujeitos que se colocavam como *queer*, era assim: “Nós somos *queer* e vocês que nos aguentem. Não queremos ser integrados, nem enquadrados”. Isso em termos teóricos, porque na prática o movimento está se desdobrando e assumindo diferentes aspectos. Alguém pode dizer: “Eu sou *queer* porque tenho barba e bigode, mas tenho seios”, ou seja, tem a mistura dos dois gêneros no próprio corpo. O *queer*, mais do que uma expressão identitária, é um movimento, e, por isso, em vez de dizer teoria *queer* eu prefiro dizer estudos *queer*, porque quando se fala em teoria dá a impressão de que há algo fechado, e o *queer* está em processo e lida bastante com a questão da desobediência, da crítica, do “e se não for assim?”, da dúvida,



do elemento da instabilidade... Então, é complicado se falar em teoria. Há vários militantes e pensadores *queer*, e cada um vai para um caminho. A Judith Butler é uma referência bastante importante, até esteve em um congresso *queer* no Brasil há alguns anos. Estive nesse congresso e lembro que a imprensa registrou o quanto ela foi hostilizada no aeroporto como se fosse uma personificação, quase uma bruxa, porque acabou ficando um pouco representativa dessa posição do desconfiar, do indagar. É uma posição bastante desconfortável porque é um movimento que lida bastante com a incerteza.

Em “Viajantes pós-modernos” a Sra. comenta que a declaração “é uma menina!” ou “é um menino” desencadeia um processo que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Gostaria que comentasse essa observação, especialmente interessante porque é uma expressão absolutamente corriqueira.

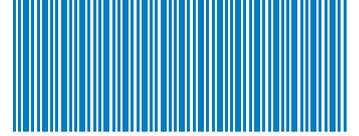
Esse texto está no meu livro *Um corpo estranho* e se apoia na ideia de que algo que é mutável, que está incerto, que está em trânsito costuma nos incomodar, nos desalojar. Também me perturbava, já que tive uma formação bastante tradicional, como já contei. Nesse artigo eu comento que quando nasce um bebê nós definimos “é um menino” ou “é uma menina”, e a partir desse momento ele deve seguir uma trajetória esperada. Se ele é alguém do sexo masculino deverá encontrar sua parceria em alguém do sexo feminino. Há uma ideia de uma sequência previsível de sexo, gênero e sexualidade, e isso nunca se questionava. A posição *queer*, que tem muitas aproximações com o pós-estruturalismo, vai procurar chamar a atenção para a questão discursiva, o quanto esse discurso não está apenas descrevendo o próprio menino, mas o instituindo. Quando eu digo “é um menino” eu instituo um sujeito masculino. O que os estudos *queer* nos lembram é que essa sequência sexo-gênero-sexualidade não é uma sequência garantida e que aconteça por toda a vida. Para que ela aconteça é preciso que a sociedade faça uso de muitas instâncias para reiterar que esse é “o caminho certo”. Família, escola, religião, mídia, tudo vai repetindo que, se eu sou um sujeito que tenho vagina eu devo gostar de tal e tal coisa, me vestir ou me portar de tal maneira etc. Isso a gente vai aprendendo na sociedade e vai sendo reiterado de diferentes formas, não só nas formas tradicionais, como família, escola e religião, mas em muitas



outras instâncias. Mas sempre houve pessoas que fugiam dessa sequência. O que está acontecendo é que está havendo mais visibilidade para esses desvios da trajetória tida como segura e garantida. Se ela fosse tão garantida, não precisava ser tão repetida, reiterada. Se fosse, não precisava ter tanta vigilância. E, mais contemporaneamente, nós temos também discursos que dizem “ele é um menino, mas, se quiser botar saia, por que não pode? Por que não pode passar batom?”, e aí começam a aparecer outros espaços e situações que vão nos mostrando que há uma multiplicidade de posições que se pode assumir. A ideia da teoria *queer* é chamar atenção para o fato de que não há segurança de que todo sujeito do sexo masculino se aproximará de alguém do sexo feminino. Podem acontecer outras caminhadas. Não é que a teoria *queer* está pregando, ou ensinando, que o sujeito pode escolher o sexo que quiser. Ela está só demonstrando que as formas de viver na sociedade são muitas e que o que nós tínhamos como garantido não é tão garantido assim.

Há uma crítica ao movimento queer vinda de correntes do feminismo que argumentam que esse movimento questionaria a questão de identidade, que é muito cara ao feminismo. Essa crítica, na sua opinião, procede?

Todas essas questões que estamos abordando nesta entrevista não são simples, e são questões com as quais os movimentos vêm se debatendo há bastante tempo. Realmente, o movimento feminista nasce, assim como outros movimentos, marcadamente identitário. É a minha identidade como mulher, assim como é a minha identidade como negro, e o movimento *queer* questiona a questão da identidade, colocando foco no trânsito, bem como procura chamar atenção quanto à rotulação dos sujeitos. Ele não fixa identidade e é por isso que ele é chamado de movimento pós-identitário, trazendo a ideia de que o sujeito é sujeito de muitas identidades, bem como pode transitar por essas identidades. Então, há realmente alguns conflitos envolvendo certas correntes feministas e de gays e lésbicas e o movimento *queer*. Porque os grupos identitários levaram muito forte a luta pelo reconhecimento de seus direitos e também da integração à sociedade. E o movimento *queer* não está buscando integrar-se, mas ser reconhecido pelo que é. “Nós somos *queer*, nós somos diferentes, e vocês que nos aguentem. Não estamos preocupados em ser integrados.”



Então, há tensões entre esses movimentos.

A homossexualidade é a questão que emerge com mais frequência nas demandas de professores e professoras?

Quando começamos a trabalhar com gênero junto aos professores e professoras, traziam como principal problema aquelas crianças ou adolescentes que apresentassem qualquer comportamento que parecesse homossexual. Essa era a grande preocupação, e que tinha geralmente como caminho um encaminhamento da criança ao psicólogo, como se essa pessoa estivesse doente. Foi aí que nós, como grupo, começamos a estudar mais a sexualidade, já que antes o nosso foco estava na questão do gênero, e esse conceito está relacionado a toda uma construção social que constitui alguém como sujeito masculino ou feminino. Como encaminhar esse assunto? Uma coisa que posso dizer que é significativa, e eu sei que há isso em muitas escolas, é a formação de grupos de professores que se reúnem para estudar e para compartilhar questões que surgiram na sua sala de aula, e que vão além daquilo que minimamente se dava nas escolas, que são as noções de aparelho reprodutor masculino e feminino. É preciso pensar que a garotada está discutindo desejo, namoro, afetos... há muitas questões que perturbam a dinâmica e que têm a ver com sexualidade, com gênero, mas vão muito além da questão biológica. Fazer grupos de estudo de gênero é uma das melhores soluções. Acho esse um caminho muito válido e interessante.

Flor de açafrão [Belo Horizonte, Autêntica] é um livro que se aproxima do cinema e da literatura. Poderia comentar sobre alguns filmes que podem ser úteis para trazer para a escola as questões de gênero?

Eu sempre me preocupei que ideias como a questão de reconhecimento das mulheres e da igualdade de oportunidades, por exemplo, que são profundamente políticas, fossem discutidas para além da universidade. A minha preocupação é que, se ficarmos em uma linguagem extremamente teórica, nós alienamos um monte de gente. Tenho essa preocupação em atrair as pessoas intelectualmente desejantes de novos saberes, mas que não têm uma formação teórica na área. Como gosto muito de cinema, um produto cultural largamente consumido, passei a dar vários seminários sobre “cinema e sexualidade”, “cinema e gênero”, o que redundou nesse livro, *Flor do açafrão*.



Minha intenção foi apresentar possíveis leituras de alguns filmes, privilegiando questões de gênero e sexualidade. Embora ao longo das análises eu faça referência a teorias e conceitos do campo feminista, dos estudos de sexualidade e *queer*, busquei utilizar uma linguagem menos acadêmica, dirigida a um público mais amplo, obviamente constituído por pessoas interessadas nessas questões. Não foram textos escritos com um alvo pedagógico, mas penso que eles podem servir, eventualmente, de subsídios ou recursos para professores e professoras.

A primeira análise é do filme Chega de saudade, da Laís Bodansky. O que torna esse filme especialmente interessante, no seu ponto de vista?

Chega de saudade se passa em um baile de terceira idade. O filme todo se passa em uma noite. A forma como os corpos se movem, como aqueles homens e mulheres gozam a noite, como seduzem... esse filme permite pensar muito a questão de gênero e sexualidade na velhice, que não é um tema muito comum de se encontrar. Noutro capítulo trato dos filmes de faroeste. Estou convencida de que os filmes de faroeste ensinaram uma pedagogia de masculinidade...

John Wayne foi professor de muita gente, né?

Sim, ele até está citado no artigo porque comento *No tempo das diligências*. Há também um filme do Clint Eastwood [*Os imperdoáveis*] e outro do Ang Lee [*O segredo de Brokeback Mountain*]. Ainda que esse gênero de filme possa ter mudado, ainda que os mocinhos não sejam apenas bons, e possam ser velhos ou ter alguma fraqueza, ainda que as mocinhas não fiquem sempre naquele papel secundário, há alguns elementos que se repetem e que passaram um jeito de ser masculino e que foram sendo reiterados pela quantidade imensa de filmes.

Quais títulos analisados nesse livro poderiam ser discutidos em sala de aula, na sua opinião?

As melhores coisas do mundo, também dirigido pela Laís Bodansky, talvez seja, no conjunto desse livro, o filme com uma linguagem mais direta, e o tema da homofobia, com todos seus desdobramentos, parece central. Vale explorar nesse filme o quanto essa atitude ou sentimento da homofobia, onde se combinam repulsa, medo, atração, aparece em



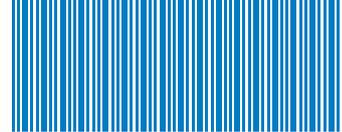
diferentes faixas etárias e como os adultos e os adolescentes a expressam. Nesse filme também destacaria as formas de manifestação da violência e os discursos de ódio em relação à homossexualidade, o segredo e a segregação como efeitos da violência cotidiana (violência miúda, verbal, física, online). O filme também mostra os desafios para a vivência de formas distintas de feminilidade e masculinidade e o enfrentamento dos preconceitos.

Como também sou muito interessado em cinema, podemos prosseguir um pouco mais nos filmes comentados nesse seu livro, mesmo que eventualmente não sejam adequados para exibição no ambiente escolar? Um deles é Longe do paraíso, de Todd Haynes.

Longe do Paraíso permite uma análise interessante dos impositivos de gênero, da indicação de um determinado “lugar” da mulher e um “lugar” do homem, muito especialmente pelo fato de a trama se passar nos anos 1950 e 60 e, talvez por isso, sugerir uma representação de feminilidade e masculinidade tidas como “clássicas” e “universais”. Esse filme enfatiza as intersecções raça, etnia e classe social em articulação com gênero e sexualidade. Sendo assim, me parece muito potente para discutir como todos esses marcadores sociais (e, eventualmente, outros) podem se combinar, se potencializar ou enfraquecer num dado contexto. Racismo, homofobia, elitismo, estereótipos sociais podem ser explorados nas análises e discussões.

Outro filme que gostaria que comentasse é Transamérica...

Em *Transamérica* a questão central é o trânsito no terreno dos gêneros. Vale destacar o empenho que a sociedade exercita, através das mais variadas instâncias, para construir e manter a sequência sexo-gênero-sexualidade dentro das normas esperadas. Analisar o processo de heteronormatividade, destacando os recursos e estratégias utilizados, no âmbito da família, da escola, da mídia, das leis, das igrejas, da medicina etc., para garantir que cada um ou uma “adquirir” e mantenha “coerentemente” seu gênero e, por conseguinte, sua sexualidade. Valeria observar nesse filme que contemporaneamente os atravessamentos de gênero e sexualidade são mais visíveis, e analisar os desafios que experimentam esses indivíduos e os significados sociais que



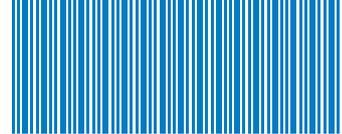
se atribuem a eles ou elas. Esse filme pode ser uma introdução aos estudos do que significa *queer* – não apenas como expressão geral ou “guarda-chuva” para todos os sujeitos não heterossexuais, mas como expressão de um movimento, ou tendência que remete ao trânsito, à transitoriedade, à mudança, ao entre-lugar, à irreverência.

E o filme Tudo sobre minha mãe, do Almodóvar?

Tudo sobre minha mãe me parece, nesse pequeno conjunto, o filme mais complexo, o que eu atribuiria, em grande parte, à direção e ao olhar original de Almodóvar. Dependendo da faixa de ensino ou nível de escolaridade, as características do cinema almodovariano talvez possam ser destacadas. Sua estética, o exagero e o artificialismo permitem, como refiro no texto, atribuir um caráter *camp* à sua obra e podem, eventualmente, colocá-lo como um autor ou diretor pós-moderno. Como questão central do filme penso que se coloca a multiplicidade de feminilidades vividas pelas personagens e possíveis de reconhecer na sociedade. Os sujeitos femininos dominam a trama e conduzem a ação nesse filme. Mulheres heterossexuais, lésbicas, travestis, drags se entrecruzam na história, e a questão da “construção de gênero”, noção importante e central nos estudos feministas, aparece fortemente. O tema da construção ou da produção do gênero, como corpo, gestos, atitudes, modos de ser e de se apresentar, é reafirmado no filme, até mesmo de forma paródica, no comportamento, na ação e nas falas de várias personagens. Outro elemento instigante desse filme é a ausência de um julgamento moral das personagens e a perturbação das polaridades, do belo e do feio, do bom e do mau, o que também pode ser lido como uma característica *queer*. Esse filmes sobre os quais comentei agora [*Transamérica, Longe do Paraíso e Tudo sobre minha mãe*] provavelmente podem ser assistidos por estudantes jovens ou adultos, mas por certo cada professor terá de considerar fatores específicos sobre sua adequação ou não, dependendo de características de seu grupo de estudantes, idade, instituição etc.

Haveria alguma recomendação ao docente que resolve passar um filme e realizar um debate depois com a classe?

É importante que ele tenha visto várias vezes esse filme e pensado nas possibilidades de abertura de discussão que a história vai proporcionar. Mas há um outro elemento que deve



ser levado em conta, que é o de que não temos resposta para tudo e a garotada muitas vezes traz questões que a gente não pensou e, muitas vezes, é preciso reconhecer “isso eu não sei, nós vamos ter que estudar”. Essa é uma posição de um professor contemporâneo que é significativa, uma certa modéstia em admitir que não se sabe tudo. Eu já participei de debates em que os caminhos foram bem difíceis e houve momentos em que precisei admitir que não sabia responder àquilo.

Para encerrar, queria pedir um balanço do que representou, para a educação, e especialmente em relação ao tema tratado nesta entrevista, esses quatro anos de governo Bolsonaro.

Acho que tivemos retrocessos seríssimos. Houve uma conjunção de problemas: nós tivemos um período de governo conservador, mais do que conservador, reacionário, e, por outro lado, a pandemia. É impossível negar que esse isolamento das pessoas durante a pandemia, a falta do convívio, das trocas, do grupo social, é uma coisa grave. Para recuperar será um trabalho imenso, tanto do ponto de vista de criação de políticas públicas para escolas quanto de suporte aos professores e famílias, porque a defasagem foi grande. Também há muitos elementos de valores e de posições políticas e ideológicas nesse campo que eu estudo, e que supõem uma visão muito mais de acolhimento das diferenças, de respeito às diferenças e de convívio com as diferenças. E isso foi tudo negado [no último governo]. Então, houve uma defasagem muito séria, muito grave, e vai ser preciso um esforço em várias instâncias para tentar recuperar as questões de valores, de respeito ao que é diferente, mas não aquele respeito de conversa, um respeito efetivo, interno.

